



***MASCULINIDADES NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS E
INTERVENÇÕES TRANSFORMADORAS PARA PREVENIR A VIOLÊNCIA DE
GÊNERO: REVISÃO DE ESCOPO***

***MASCULINIDADES EN LOS ESPACIOS EDUCATIVOS E
INTERVENCIONES TRANSFORMADORAS PARA PREVENIR LA VIOLENCIA
DE GÉNERO: REVISIÓN DE ALCANCE***

***MASCULINITIES IN EDUCATIONAL SETTINGS AND GENDER-
TRANSFORMATIVE INTERVENTIONS TO PREVENT GENDER VIOLENCE:
SCOPING REVIEW***

*Luciene Rodrigues Barbosa*¹

RESUMO

A violência baseada em gênero (VBG) afeta uma em cada três jovens no mundo, e normas de masculinidade hegemônica são vetor central desse fenômeno. Este estudo objetivou analisar características e desfechos de intervenções educacionais que problematizam masculinidades hegemônicas para prevenir VBG entre adolescentes. Trata-se de uma revisão de escopo internacional conforme PRISMA-ScR; buscas nas bases PubMed, Scopus e Cochrane Library (2018-2023) identificaram 607 registros, dos quais oito cumpriram os critérios de inclusão. Os resultados evidenciaram que a maioria das intervenções relatou melhora nas atitudes de gênero e redução autodeclarada de comportamentos violentos. Programas escolares apontaram maior uso de contracepção segura e aumento da intenção de intervir como observador; iniciativas comunitárias mostraram diminuição da tolerância à violência e fortalecimento de habilidades de comunicação não violenta. Portanto, intervenções que associam reflexão crítica, participação de pares e adequação sociocultural demonstram potencial preventivo e merecem ampliação em contextos educacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade. Educação. Violência de Gênero. Adolescente.

¹Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Universidade federal de São Paulo.

RESUMEN

La violencia basada en género (VBG) afecta a una de cada tres jóvenes en el mundo, y las normas de masculinidad hegemónica constituyen un factor central de este fenómeno. Este estudio tuvo como objetivo analizar las características y los resultados de intervenciones educativas que problematizan las masculinidades hegemónicas para prevenir la VBG en adolescentes. Se trata de una revisión de alcance internacional según PRISMA-ScR; las búsquedas en PubMed, Scopus y Cochrane Library (2018-2023) identificaron 607 registros, de los cuales ocho cumplieron los criterios de inclusión. Los resultados evidenciaron que la mayoría de las intervenciones informó mejoras en las actitudes de género y reducciones autodeclaradas de comportamientos violentos. Los programas escolares mostraron un mayor uso de anticoncepción segura y un aumento de la intención de intervenir como observadores; las iniciativas comunitarias indicaron menor tolerancia a la violencia y fortalecimiento de habilidades de comunicación no violenta. Las intervenciones que combinan reflexión crítica, participación de pares y adecuación sociocultural presentan potencial preventivo y merecen ampliarse en contextos educativos.

PALABRAS-CLAVE: Masculinidad. Educación. Gender-Based Violence. Adolescent.

ABSTRACT

Gender-based violence (GBV) affects one in three young women worldwide, and hegemonic masculinity norms are a major driver of this phenomenon. This study aimed to analyse the characteristics and outcomes of educational interventions that challenge hegemonic masculinities in order to prevent GBV among adolescents. This is a scoping review following PRISMA-ScR; searches of PubMed, Scopus and the Cochrane Library (2018-2023) retrieved 607 records, of which eight met the inclusion criteria. The results showed that most interventions reported improved gender attitudes and self-reported reductions in violent behaviours. School-based programmes showed greater use of reliable contraception and increased intention to intervene as bystanders; community initiatives recorded lower tolerance of violence and stronger non-violent communication skills. Interventions that combine critical reflection, peer participation and sociocultural tailoring show preventive potential and should be expanded in educational settings.

KEYWORDS: Masculinity. Education. Violence de Género. Adolescent. Young Adult.

Introdução

A violência baseada em gênero (VBG) constitui problema global de saúde pública que atinge desproporcionalmente as mulheres. Entre jovens, a magnitude da violência sexual (VS) e da violência baseada em gênero (VBG) tem despertado preocupação crescente. Na União Europeia, estima-se que 6% das mulheres de 18 a 29 anos sofram VPI física e/ou sexual, enquanto até 48% experimentam VPI psicológica; em mulheres mais velhas, esses percentuais caem para aproximadamente 4% e 32%, respectivamente (Leiva et al., 2024, p. 5). Essa discrepância também se verifica em países como Vietnã e

Índia onde a prevalência atual de VPI física ou psicológica alcança cerca de 30% entre mulheres de 15 a 24 anos (K.G. Santhya; A. J. Francis Xavier 2021, p. 639; Kathryn M Yount Yount et al. 2023, p. 10). No mundo todo, entre 3% e 24% das meninas relatam coerção em sua primeira relação sexual, valores provavelmente subestimados devido ao estigma da denúncia (Organização Mundial da Saúde, 2010, p. 1).

As consequências da exposição precoce à VBG incluem maior probabilidade de uso de substâncias, depressão, comportamento suicida, baixo rendimento escolar, transtorno de estresse pós-traumático, alterações ponderais e maior risco sexual (Nihaya Daoud et al., 2022, p.6539). Tais efeitos podem persistir ao longo da vida, portanto, identificar estratégias eficazes de prevenção é imperativo, sobretudo para adolescentes e jovens adultos. Evidências indicam que a vivência de abuso sexual ou VBG na adolescência aumenta o risco de revitimização e de comportamento violento na idade adulta (Yount et al. 2023, p. 9; Ann Gottert et al. 2025, p. 11).

Por outro lado, intervenções educacionais que capacitam jovens a reconhecer diferentes formas de violência, mitos de gênero e recursos de apoio são fundamentais para a construção de uma sociedade menos hegemonic (Santhya; Xavier 2022, p. 1420). Essas iniciativas examinam padrões de socialização diferenciada, questionam o papel das masculinidades tradicionais na perpetuação das desigualdades de gênero e desenvolvem habilidades, atitudes e práticas protetoras. Por conseguinte, a participação de meninos e homens é crucial para enfrentar a VBG contra mulheres (Vanessa Pérez-Martínez et al. 2022, p. 484).

Masculinidades referem-se a atributos socialmente atribuídos aos homens (Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes 2023, p. 5). A masculinidade hegemonic reforça a posição dominante dos homens, associa-se frequentemente à legitimação da violência, controle emocional, tomada de riscos, homofobia e responsabilidade financeira exclusiva (Leiva, 2024, p. 4). Ao mesmo tempo, emergem expressões positivas de masculinidade — inclusivas, empáticas e igualitárias — defendidas por homens que se opõem à violência contra mulheres (Daoud, 2022, p. 6538).

A abordagem transformadora de gênero busca promover relações mais equitativas e não violentas por meio da revisão de atitudes, comportamentos e estruturas comunitárias (Maria Lohan et al. 2022, p. e630). Estudos sugerem que tal abordagem reduz comportamentos de risco e perpetuação de VBG em homens adultos e adolescentes (Kaleab Z. Abebe et al. 2018, p. 28; Kylie King et al. 2022, p. 9).

Embora várias revisões analisem características e efeitos de intervenções preventivas de VBG em adolescentes e jovens adultos, poucas enfocam explicitamente a abordagem transformadora de gênero e a desconstrução da masculinidade hegemônica. Dessa forma, este estudo objetivou analisar as características e desfechos de intervenções educacionais que problematizam masculinidades hegemônicas para prevenir VBG entre adolescentes.

Procedimentos Metodológicos

Este estudo consistiu em uma revisão de escopo desenvolvida de acordo com o arcabouço metodológico proposto recomendado no *JBI Manual for Evidence Synthesis* destinadas a *scoping reviews*, o checklist PRISMA-ScR, assegurando transparência e reproduzibilidade em todas as etapas (Andrea C. Tricco et al. 2018, p. 7). O protocolo foi previamente registrado na plataforma Open Science Framework sob DOI <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/JAT4Y>, em consonância com as boas práticas de ciência aberta.

Os critérios de elegibilidade incluíram: (1) estudos originais que avaliassem intervenções educacionais destinadas a promover relações de gênero mais equitativas ou programas fundamentados em abordagem transformadora de gênero, direcionados especificamente a adolescentes e jovens adultos, com o objetivo de prevenir ou reduzir violência física, sexual e/ou psicológica dentro ou fora de ambientes educacionais; (2) estudos que apresentassem resultados quantitativos ou qualitativos sobre os efeitos dessas intervenções no risco de violência contra mulheres; e (3) publicações em inglês, português ou espanhol, disponível na íntegra.

Inicialmente, definiu-se o tema e formulou-se a questão norteadora empregando a estratégia PCC, que abrange: População (P): Adolescentes e jovens de 10 a 24 anos (estudantes do Ensino Fundamental II, Ensino Médio, cursos técnicos, programas de juventude ou ensino superior inicial); Conceito (C): Intervenções educacionais de abordagem transformadora de gênero (masculinidades hegemônicas; positivas/igualitárias; redução ou prevenção VBG); Contexto (C): Ambientes educacionais formais e não-formais: salas de aula, pátios, centros juvenis, universidades, cursos profissionalizantes, plataformas on-line institucionais ou projetos comunitários com componente educativo estruturado).

A questão norteadora foi delineada foi: Quais são os principais desfechos de intervenções educacionais com abordagem transformadora de gênero que problematizam masculinidades hegemônicas entre adolescentes e jovens (10 – 24 anos) em contextos educacionais formais e não formais?

A busca abrangeu publicações sem recorte temporal em cinco bases de dados eletrônicas: Medline/PubMed, Scopus, Web of Science, Scielo e LILACS. Utilizaram-se descritores MeSH, DeCS e palavras-chave relacionados a avaliação de intervenções, violência de gênero, transformação de gênero e masculinidades. O Quadro 1 apresenta a estratégia de busca empregada na PubMed, posteriormente adaptada às demais bases.

QUADRO 1: Estratégia de busca de estudos analisados.

Descritores controlados
(Positive OR alternative OR violence OR hegemonic OR healthy) AND (masculin) OR (gender-transformative OR gender transformative)) AND (program OR intervention) AND (young OR youth OR adolescent)

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

O revisor exportou o conjunto de referências para o Rayyan e utilizou a plataforma para identificar e remover registros bibliográficos duplicados. Após a busca, procedeu-se à triagem dos títulos, resumos e textos completos. Em seguida, os dados foram extraídos e categorizados em planilha no Microsoft Excel (pré-testada); optou-se por síntese narrativa e análise bibliométrica de descritores no VOSviewer 1.6.20. Ensaios clínicos randomizados foram avaliados pelo instrumento ROB 2.0, e estudos quasi-experimentais pela Check-list JBI. O risco de viés foi classificado em baixo, moderado ou alto.

Considerações éticas

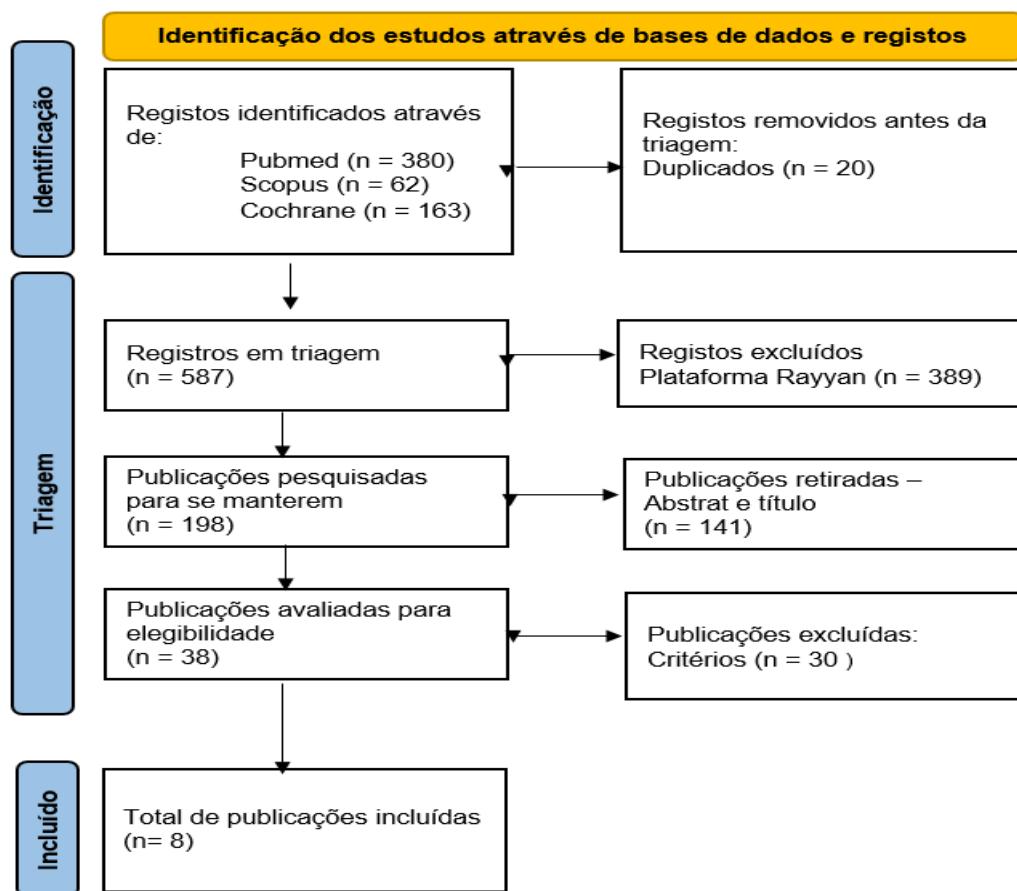
Por se tratar de análise secundária de dados disponíveis publicamente, não se exigiu submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme a Resolução CNS 510/2016. Todos os estudos primários incluídos declararam aprovação ética.

Resultados e Discussão

Foram identificados 607 registros nas bases de dados pesquisadas, após a remoção de 389 duplicatas no Software Rayyan, restaram 198 títulos e resumos para a primeira

triagem. Os estudos potencialmente elegíveis passaram, então, à leitura em texto completo (segunda triagem), ao término da qual 08 artigos atenderam a todos os critérios de inclusão. O fluxograma PRISMA-ScR detalhando cada etapa do processo encontra-se na Figura 1.

Figura 1: Fluxograma PRISMA 2020 dos estudos analisados.

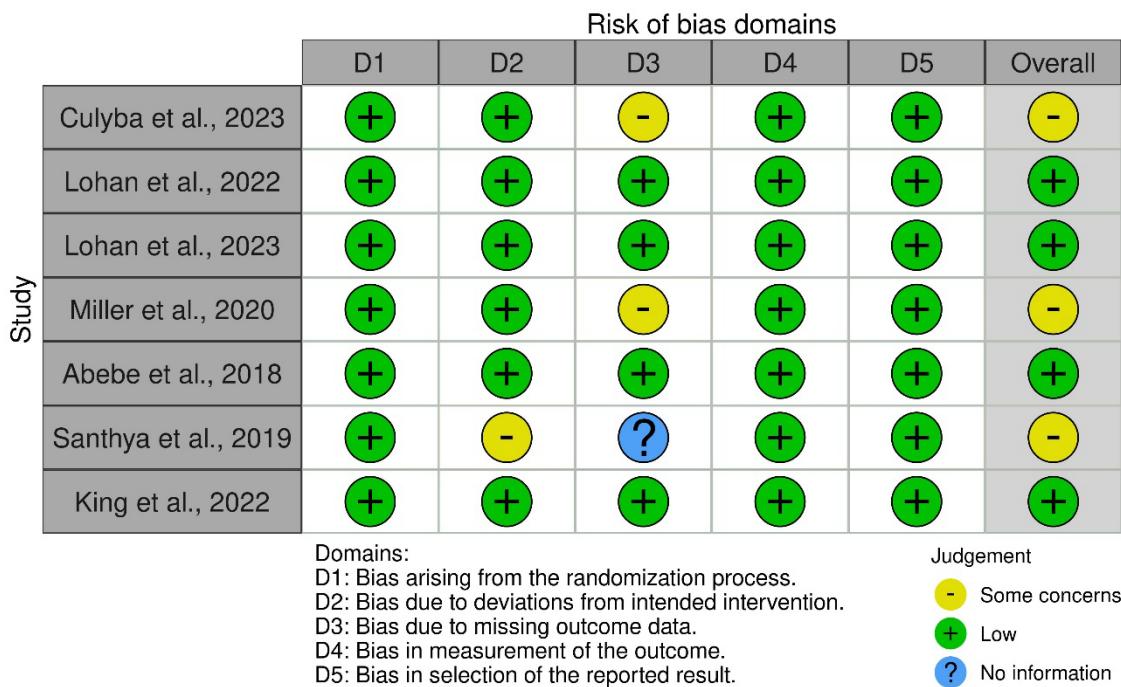


Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Análise metodológica

Nesta avaliação, foram coletadas informações detalhadas sobre o desenho de cada artigo incluído, abrangendo tanto ensaios clínicos randomizados de natureza quantitativa quanto estudos de métodos mistos. Para os ensaios clínicos, o risco de viés foi examinado por meio da ferramenta Cochrane RoB 2, que contempla os domínios de randomização, desvios da intervenção, dados ausentes, mensuração dos desfechos e seleção dos resultados relatados (Figura 2).

Figura 2: Qualidade dos estudos sobre intervenções abordagem transformadora de gênero de acordo com a Ferramenta de Avaliação de Método estudo clínico randomizado.



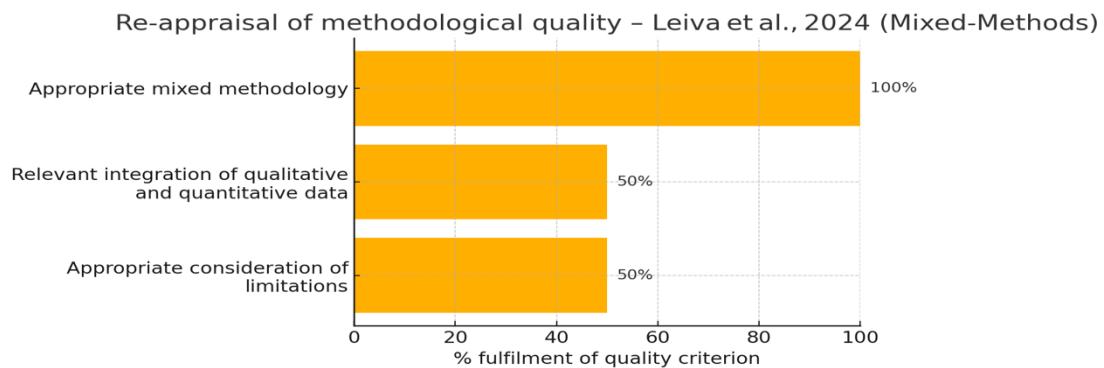
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

A aplicação do instrumento RoB 2 (Risk of Bias 2) evidenciou um panorama metodologicamente robusto para a maioria dos ensaios clínicos avaliados. Quanto aos desvios da intervenção (D2), apenas o ensaio de K.G. Santhya et al. (2019, p. 1420) suscitou preocupação moderada, possivelmente em razão da implementação em clubes juvenis rurais, contextos menos controlados do que ambientes escolares ou clínicos. O domínio D3 – dados ausentes revelou-se o ponto mais vulnerável: estudos registraram perdas de seguimento expressivas que podem comprometer a validade interna (Alison J. Culyba et al. 2023, p. 11240; Elizabeth Miller et al. 2020, p. 9); e outro estudo a informação disponível foi insuficiente para uma avaliação conclusiva (Santhya et al., 2019, p. 1421).

Portanto, apesar dessas fragilidades pontuais, o corpo de evidências mantém, em geral, elevada qualidade metodológica, oferecendo base razoavelmente sólida para inferir a efetividade dos programas transformativos de gênero avaliados.

Nos estudos de métodos mistos, além dos componentes quantitativos, considerou-se a integração dos dados qualitativos para assegurar avaliação metodológica abrangente (Figura 3).

Figura 3: Qualidade do estudo sobre intervenções abordagem transformadora de gênero de acordo com a Ferramenta de Avaliação de Método Misto.



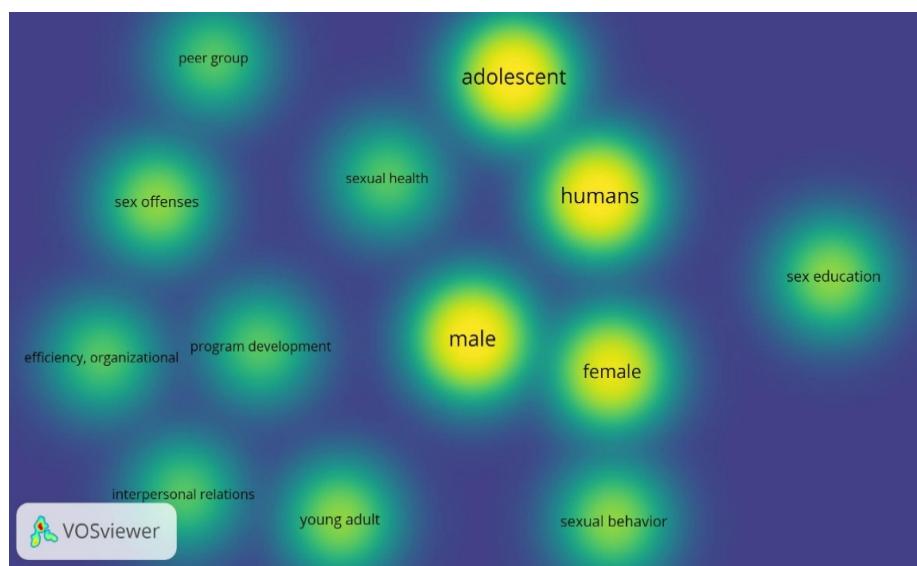
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

O estudo é metodologicamente robusto no desenho e nos procedimentos centrais; as principais fragilidades situam-se na integração analítica em estudo quali-quanti e na gestão de limitações (perdas de seguimento, influência do pesquisador).

Análise bibliométrica

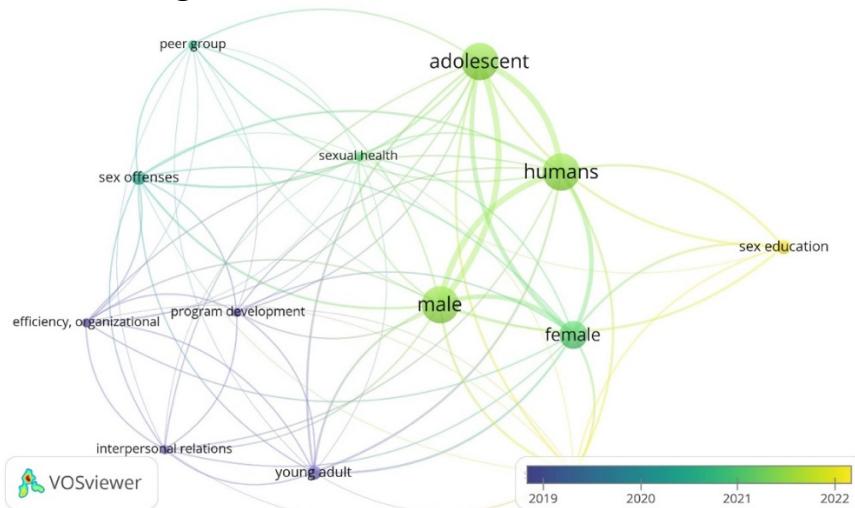
A investigação foi realizada com o VOSviewer (versão 1.6.20), ferramenta gratuita amplamente utilizada em estudos métricos da informação. Como resultado, gera mapas visuais que destacam clusters temáticos, padrões de colaboração e tendências emergentes, oferecendo suporte quantitativo e gráfico para analisar a estrutura e a evolução do campo.

A rede de coocorrência obtida evidencia a predominância informações demográficos — “male”, “female”, “adolescent”, “young adult” e “humans” (Figura 1).

Figura 1: Mapa de densidade dos estudos analisados.

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Embora indispensáveis para indexação, tais termos pouco esclarecem as nuances das masculinidades. Sua alta centralidade (grau elevado e ligações fortes) reflete o viés biomédico dos vocabulários MeSH e DeCS e, por conseguinte, obscurece descritores analíticos cruciais, como “masculinities”, “gender norms” e “hegemonic masculinity” (Figura 2). Em consequência, discussões sobre poder, interseccionalidade e performatividade acabam subsumidas a rubricas clínicas, tais como “sexual health” ou “sex offenses”.

Figura 2: Análise bibliométrica dos estudos.

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

A análise bibliométrica indica deslocamento do foco temático (Figura 2). A reduzida espessura das arestas que conectam “sex education” a nós demográficos sugere articulações ainda superficiais entre iniciativas educativas e perfis etários ou de gênero: multiplicam-se os programas, mas a problematização das masculinidades permanece periférica. A posição quase isolada de “efficiency, organizational” revela outra lacuna, análises de custo-efetividade raramente dialogam com o debate transformador, fragilizando argumentos de escalabilidade. Em conjunto, o panorama confirma um campo ainda ancorado em descritores biomédicos, com avanços tímidos na incorporação de abordagens pedagógicas e virtual ausência de análises interseccionais ou econômicas. Esses gargalos epistemológicos limitam a consolidação de intervenções de gênero transformadoras e apontam para uma agenda de pesquisa que integre conceitos, adote maior rigor metodológico e inclua avaliações de custo-efetividade.

Tabela 1. Características principais e resultados de intervenções com abordagem transformadora de gênero.

Autor (Ano)	Abordagem	Nome do programa	Breve descrição do programa	Resultados primários	Resultados secundários / observações
Culyba et al. (2023, p. 11239-41)	Oficinas participativas que questionam normas de gênero dominantes e treinam habilidades protetor (interrupção de violência entre pares).	Manhood 2.0	18 h de sessões em bairros urbanos de baixa renda, ministradas por facilitadores masculinos jovens.	Perpetrar SV/ARA aos 9 meses: sem efeito preventivo global; risco ↑ entre não-perpetradores, ↓ violência de pares entre perpetradores prévios.	Reduções paralelas em comportamento protetor e homofóbico em ambos os braços; sugere benefício de combinar gênero e empregabilidade.
Lohan et al. (2022, p. e630-633)	Curriculum escolar que usa filme interativo em 1ª pessoa para estimular empatia e responsabilidade masculina na gravidez.	If I Were Jack	4–5 aulas RSE e material para pais; aplicado por professores treinados em 66 escolas do Rurais	Evitar sexo desprotegido (12–14 m): nulo (86% ambos os grupos).	↑ uso de contraceção confiável entre sexualmente ativos; ganhos em conhecimento e atitudes de gênero; custo incremental £ 2,83/estudante.
Leiva et al.	Integra discussões de	ENFO CATE	Cluster-RCT + qualitativo;	Melhora do conhecimento,	

(2024, p.4-6)	gênero, direitos sexuais e sensibilidade cultural em aulas participativas.		10.º–11.º ano, 12 sessões; material culturalmente adaptado (Chile).	atitudes e comportamentos (pós e 3 m);	[-]
Lohan et al. (2023, p. 90)	Idem 2022; inclui avaliação econômica detalhada.	If I Were Jack	Versão completa com custos mensurados.	Evitar sexo desprotegido (12–14 m): nulo (OR 0,85; $p = 0,42$).	↑ uso de contraceção confiável (OR 0,52) e de conhecimento/atitudes; modelo projetou 379 gestações evitadas/100 alunos.
Miller et al. (2020, p. 8-9)	Oficinas de reflexão crítica sobre masculinidade em contexto comunitário.	Manhood 2.0	Mesma lógica que Culyba, porém ensaio primário (20 bairros).	Redução de SV/ARA aos 9m: sem diferença vs. controle de empregabilidade (OR 1,32; $p = 0,20$).	Queda absoluta em ambos os braços; indica necessidade de maior dose ou sinergia com componentes socioeconômicos.
Abebe et al. (2018, p.26-28)	Racionaliza a combinação de mudança de normas e habilidades protetores em ambientes de desvantagem urbana.	Manhood 2.0	Artigo de protocolo; descreve 18h de oficinas, formação de facilitadores e avaliação de processos.	Contribui com diretrizes de implementação, fidelidade e análise de custos	[-]
Santhya et al. (2019)	Educação para habilidades de vida e esporte para desafiar normas patriarcais em clubes juvenis rurais.	Não nominando	24 encontros; componentes de debate crítico e prática esportiva igualitária.	Mudança em atitudes de gênero e aceitação: melhora significativa ($p < 0,05$).	Efeito maior entre participantes assíduos; destaca importância da adesão.
King et al. (2022, p. 9-10)	Workshops que desconstruem o “código masculino” e incentivam procura de ajuda.	Breaking the Man Code	Sessão de 2½ h; facilitadores externos; avaliação em escolas australianas.	Primário (intenção de buscar ajuda, 4–6 sem)	Planeja medir bem-estar, atitudes de masculinidade e custo-efetividade; adaptação online por COVID-19.

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Os achados desta revisão indicam que intervenções educativas voltadas a adolescentes e jovens, fundamentadas em abordagens transformadoras de gênero e masculinidades, geram efeitos promissores na prevenção da violência baseada em gênero (VBG) e em desfechos escolares correlatos. Estudos conduzidos em ambiente escolar observou-se aumento do uso de contracepção confiável e maior intenção de intervir diante de assédio, agressão ou discurso de ódio; o desfecho “sexo desprotegido”, entretanto, permaneceu inalterado (Lohan et al., 2022, p. 92; 2023, p. e633; King et al., 2022, p. 10).

O contraste entre avanços em indicadores intermediários e a ausência de efeito no desfecho composto sugere que alterações cognitivas e volitivas precedem comportamentos sexuais mais complexos, em consonância com modelos de estágios de mudança. A magnitude modesta do efeito evidencia o caráter incremental das intervenções escolares, nas quais fatores extraescolares, como normas familiares e mídias digitais, tendem a atenuar o impacto programático.

Em programas comunitários e a intervenção de clubes juvenis rurais na Índia, observaram-se reduções modestas, porém estatisticamente significativas, em atitudes de tolerância à violência e, em análise secundária, queda do bullying homofóbico (Miller et al., 2020, p. 9-10; Culyba et al., 2023, p.11237; Sanhya et al., 2019, p. 1419). Esses resultados realçam o papel do capital social e das normas de pares como vetores de mudança comportamental. A diminuição do bullying homofóbico, embora derivada de análise secundária, evidencia a ligação entre normas de gênero rígidas e hostilidade a dissidências sexuais, indicando que intervenções de masculinidade podem repercutir além da violência de gênero, afetando o clima de respeito à diversidade.

Estudos longitudinais relataram diminuições sustentadas em violência física, sexual e psicológica após a intervenção, tanto na vitimização quanto na perpetração, sinalizando transferência parcial de aprendizagem para contextos cotidianos. A persistência dos efeitos nesse intervalo sugere consolidação inicial de novos scripts relacionais, mas não assegura manutenção de longo prazo; a carência de follow-ups superiores a um ano limita inferências sobre durabilidade. Análises mediadas por autoeficácia e suporte social poderiam esclarecer mecanismos que prolongam ou dissipam esses efeitos.

No ambiente educacional, a socialização secundária—por meio de escola, mídia e discurso público—modela representações de masculinidade Ariadna Cerdán-Torregrosa, 2025, p. 8; Alison J Culyba, 2023, p. 8). As intervenções incluíram técnicas de gestão de conflitos e comunicação não violenta (Miller et al., 2020, p.7). A integração de

habilidades socioemocionais reflete a tendência de curricularizar competências transversais; contudo, sua eficácia depende da formação docente e do clima escolar.

O êxito dos programas repousa em três eixos: consciência crítica sobre normas de gênero, engajamento comunitário—pais, docentes e lideranças—e redes de apoio social (Eimear Ruane-McAteer *et al.* 2020, p. 11). Componentes de empregabilidade funcionam como incentivos de adesão ao conectar objetivos acadêmicos e profissionais ao currículo de gênero. A ênfase na empregabilidade sugere abordagem ecológica: oportunidades econômicas reforçam mudanças atitudinais sem ameaçar o status masculino, conforme prevê a teoria da identidade social. Ensaios que variem a “dose” desse componente podem esclarecer seu peso relativo na adesão e na redução da violência.

Sustentabilidade e escalabilidade permanecem desafios. Implementações conduzidas por facilitadores pares dependem de apoio governamental, formação contínua e coordenação intersetorial para institucionalização (Mirthe Verbeek *et al.*, 2023, p.2921). Contextos com legislação protetiva e maior equidade de gênero associam-se a menor prevalência de violência (Danielle Herreen *et al.*, 2021, p.8-9). A dependência de suporte estatal reforça a necessidade de evidências econômicas robustas: análises de custo-efetividade e *policy briefs* podem persuadir decisões. Mecanismos de controle social, como conselhos escolares, podem amortecer instabilidade política, ao passo que metas incorporadas a planos plurianuais educacionais garantem continuidade financeira.

Implicações para a prática, a política e a pesquisa

- Prática – Intervenções educativas voltadas à redução da violência baseada em gênero (VBG) devem adotar abordagem transformadora de gênero, promover masculinidades positivas, desenvolver habilidades socioemocionais e estimular a participação ativa de pares e colegas.
- Política – É necessário estabelecer marcos normativos que institucionalizem esses programas nas redes de ensino, garantindo sustentabilidade e responsabilidade comunitária.
- Pesquisa – Estudos futuros devem combinar conteúdos de igualdade de gênero com análises dos custos de aderir a masculinidades restritivas em grupos marginalizados; além disso, precisam incorporar avaliações econômicas e acompanhamentos de longo prazo para mensurar a efetividade contínua das intervenções.

Limitações do estudo

Embora a análise *RoB 2* tenha indicado boa qualidade das evidências, nossas avaliações dependem exclusivamente do que os autores relataram. Em diversos artigos, as informações disponíveis foram insuficientes para responder plenamente a algumas questões, sobretudo sobre materiais utilizados, número de sessões e tempo de implementação. Além disso, os resultados podem ter sido influenciados pelo viés de desejabilidade social. O uso de instrumentos validados é outro ponto crítico. Embora a maioria dos autores forneça índices de confiabilidade, essa informação esteve ausente em alguns casos, o que dificulta julgar a eficácia real das intervenções. Observou-se ainda uma discrepância entre objetivos declarados, modificar atitudes e/ou comportamentos, e indicadores avaliados, que por vezes se restringiram a intenção de intervir ou percepção de risco.

Considerações Finais

A promoção de alternativas às construções hegemônicas de masculinidade mostra-se fundamental para prevenir comportamentos e atitudes violentas entre adolescentes e jovens. Esta revisão demonstra que abordagens educacionais transformadoras de gênero, alicerçadas em reflexão crítica e participação ativa, impulsionam mudanças rumo a masculinidades mais equitativas: a maioria das intervenções analisadas reduziu indicadores de violência e melhorou atitudes e normas de gênero. Todos os programas impactaram, em graus variados, papéis de gênero, crenças sobre VBG e mitos correlatos, estimulando o pensamento crítico por meio de discussões em grupo, teatro ou conteúdos audiovisuais. Além disso, a adequação sociocultural das atividades revelou-se decisiva para engajar participantes e comunidades, reforçando o papel do contexto na consolidação das mudanças.

Referências

ABEBE, K. Z. *et al.* Engendering healthy masculinities to prevent sexual violence: rationale for and design of the Manhood 2.0 trial. *Contemporary Clinical Trials*, [S.l.], v. 71, p. 18-32, 2018. DOI: 10.1016/j.cct.2018.05.017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cct.2018.05.017>. Acesso em: 24 jun. 2025.

CERDÁN-TORREGROSA, A.; SANZ-BARBERO, B.; LA PARRA-CASADO, D.; VIVES-CASES, C. Areas for action to promote positive forms of masculinities in preventing violence against women: a concept mapping study in Spain. *International Journal for Equity in Health*, [S.l.], v. 24, n. 1, p. 18, 2025. DOI: 10.1186/s12939-025-

02385-7. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12939-025-02385-7>. Acesso em: 24 jun. 2025.

CULYBA, A. J. et al. Primary versus secondary prevention effects of a gender-transformative sexual violence prevention program among male youth: a planned secondary analysis of a randomized clinical trial. *Journal of Interpersonal Violence*, [S.I.], v. 38, n. 19-20, p. 11220-11242, 2023. DOI: 10.1177/08862605231179717. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/08862605231179717>. Acesso em: 24 jun. 2025.

DAOUD, N. et al. Promoting positive masculinities to address violence against women: a multicountry concept mapping study. *Journal of Interpersonal Violence*, [S.I.], v. 38, n. 9-10, p. 6523-6552, 2022. DOI: 10.1177/08862605221134641. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/08862605221134641>. Acesso em: 24 jun. 2025.

FAGUNDES T.C.P.C. Masculinidades saudáveis x masculinidades tóxicas. *Rev. Bras. Sex. Humana [Internet]*. 18º de março de 2023 [citado 31º de julho de 2025];34:1076 . Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/1076 Acesso em: 24 jun. 2025.

GOTTERT, A.; PULERWITZ, J.; WEINER, R. et al. Systematic review of reviews on interventions to engage men and boys as clients, partners and agents of change for improved sexual and reproductive health and rights. *BMJ Open*, [S.I.], v. 15, n. 1, e083950, 2025. DOI: 10.1136/bmjopen-2024-083950. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2024-083950>. Acesso em: 24 jun. 2025.

HERREEN D, RICE S, CURRIER D, SCHLICHTHORST M, ZAJAC I. Associations between conformity to masculine norms and depression: age effects from a population study of Australian men. *BMC Psychol.* 2021;9(1):32. <https://doi.org/10.1186/s40359-021-00533-6>.

KING, K. et al. Protocol for a cluster randomized control trial of the impact of the Breaking the Man Code workshops on adolescent boys' intentions to seek help. *Trials*, [S.I.], v. 23, p. 110, 2022. DOI: 10.1186/s13063-022-06034-0. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13063-022-06034-0>. Acesso em: 24 jun. 2025.

LEIVA, L.; TORRES-CORTÉS, B.; ANTIVILO-BRUNA, A.; ZAVALA-VILLALÓN, G. Gender-transformative school-based sexual health intervention: study protocol for a randomized controlled trial. *Trials*, [S.I.], v. 25, p. 360, 2024. DOI: 10.1186/s13063-024-08191-w. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13063-024-08191-w>. Acesso em: 24 jun. 2025.

LOHAN, M. et al. Effects of gender-transformative relationships and sexuality education to reduce adolescent pregnancy (the JACK trial): a cluster-randomised trial. *The Lancet Public Health*, [S.I.], v. 7, n. 7, p. e626-e637, 2022. DOI: 10.1016/S2468-2667(22)00117-7. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S2468-2667\(22\)00117-7](https://doi.org/10.1016/S2468-2667(22)00117-7). Acesso em: 24 jun. 2025.

LOHAN, M. et al. School-based relationship and sexuality education intervention engaging adolescent boys for the reduction of teenage pregnancy: the JACK cluster RCT. *Public Health Research*, [S.I.], v. 11, n. 8, p. 1-139, 2023. DOI:

10.3310/YWXQ8757. Disponível em: <https://doi.org/10.3310/YWXQ8757>. Acesso em: 24 jun. 2025.

MILLER, E. *et al.* Effect of a community-based gender norms program on sexual violence perpetration by adolescent boys and young men: a cluster randomized clinical trial. *JAMA Network Open*, [S.I.], v. 3, n. 12, e2028499, 2020. DOI: 10.1001/jamanetworkopen.2020.28499. Disponível em: <https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2020.28499>. Acesso em: 24 jun. 2025.

PÉREZ-MARTÍNEZ, V.; MARCOS-MARCOS, J.; CERDÁN-TORREGROSA, A. *et al.* Positive masculinities and gender-based violence educational interventions among young people: a systematic review. *Trauma, Violence & Abuse*, [S.I.], v. 24, n. 2, p. 468-486, 2023. DOI: 10.1177/15248380211030242. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/15248380211030242>. Acesso em: 24 jun. 2025.

RUANE-MCATEER E, GILLESPIE K, AMIN A, et al. Gender-transformative programming with men and boys to improve sexual and reproductive health and rights: a systematic review of intervention studies. *BMJ Glob Health*. 2020;5(10):e002997. doi:10.1136/bmjgh-2020-002997. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7554509/pdf/bmjgh-2020-002997.pdf> Acesso em: 24 jun. 2025.

SANTHYA, K. G. *et al.* Transforming the attitudes of young men about gender roles and the acceptability of violence against women, Bihar. *Culture, Health & Sexuality*, [S.I.], v. 21, n. 12, p. 1409-1424, 2019. DOI: 10.1080/13691058.2019.1568574. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13691058.2019.1568574>. Acesso em: 24 jun. 2025.

SANTHYA, K. G.; ZAVIER, A. J. F. Long-term impact of exposure to a gender-transformative program among young men: findings from a longitudinal study in Bihar, India. *Journal of Adolescent Health*, [S.I.], v. 70, n. 4, p. 634-642, 2022. DOI: 10.1016/j.jadohealth.2021.10.041. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2021.10.041>. Acesso em: 24 jun. 2025.

TRICCO AC, et al. PRISMA extension for scoping reviews (PRISMA-ScR): checklist and explanation. *Ann Intern Med*. 2018;169(7):467–473. doi:10.7326/M18-0850

VERBEEK M, WEELAND J, LUIJK M, VAN DE BONGARDT D. Sexual and Dating Violence Prevention Programs for Male Youth: A Systematic Review of Program Characteristics, Intended Psychosexual Outcomes, and Effectiveness. *Arch Sex Behav*. 2023;52(7):2899-2935. doi:10.1007/s10508-023-02596-5. Disponível em: [10.1007/s10508-023-02596-5](https://doi.org/10.1007/s10508-023-02596-5) Acesso em: 24 jun. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Preventing intimate partner and sexual violence against women: taking action and generating evidence*. Geneva: WHO, 2010. Disponível em: <https://www.who.int/publications-detail-redirect/preventing-intimate-partner-and-sexual-violence-against-women-taking-action-and-generating-evidence>. Acesso em: 24 jun. 2025.

YOUNT, K. M.; CHEONG, Y. F.; BERGENFELD, I. *et al.* Impacts of GlobalConsent, a web-based social norms edutainment program, on sexually violent behavior and bystander behavior among university men in Vietnam: randomized controlled trial. *JMIR Public Health and Surveillance*, [S.l.], v. 9, e35116, 2023. DOI: 10.2196/35116. Disponível em: <https://doi.org/10.2196/35116>. Acesso em: 24 jun. 2025.

Recebido em junho de 2025.

Aprovado em outubro de 2025.